

## Depois do “sucesso”: algumas conclusões

Inspirado por Marx, na passagem de **O 18 brumário de Luís Bonaparte**, “a revolução social (...) não pode tirar sua poesia do passado, e sim do futuro” (Marx, 1978, p. 331), ousou dizer que o tema que este trabalho trata não pode extrair sua poesia do passado, pois sua verdadeira inspiração está no devir de uma sociedade que começa a se transformar. A “revolução silenciosa” que as ações afirmativas puseram em marcha na última década no Brasil só poderá extrair sensibilidade, beleza e harmonia de um processo de transformação das desiguais relações sociais e raciais brasileiras em um futuro, cujo presente já começou a construir. É apenas olhando para o futuro que se poderá vislumbrar a possibilidade de termos uma sociedade racialmente mais justa, na qual episódios como os narrados na introdução deste trabalho deixem de ocorrer ou, pelo menos, sejam cada vez menos possíveis ou frequentes.

Todos os achados deste trabalho apontam para esta condição de processo; de um devir; de futuro. É certo que há muito ainda a se fazer, muita luta a enfrentar, porém o conjunto de vivências e percepções dos entrevistados reflete esta potencialidade “revolucionária” das “ações afirmativas”, ou seja, de uma transformação profunda nas condições materiais, culturais e simbólicas na vida dos indivíduos da população negra brasileira, caso se mantenham e ampliem os esforços por garantir mais e melhores oportunidades para os seus membros nas instituições de ensino superior no Brasil.

Este olhar para o futuro é significativamente importante para que compreendamos a relevância das ações efetuadas no passado. A inspiração deste trabalho foi fruto do meu olhar sobre as “ações afirmativas” propostas pelo PVNC e acolhidas pela PUC-Rio na década de 1990, com o objetivo de ampliar o ingresso da população pobre ao ensino superior. A partir deste olhar constatei como a agenda e atuação do PVNC foram significativas para garantir a presença da população negra no ensino superior e como esta mesma agenda foi importante para que a PUC-Rio iniciasse o seu pioneiro programa de ações afirmativas no Brasil.

E já que estamos falando de “sucessos”, este foi, sem dúvida, o primeiro grande “sucesso” alcançado por este movimento social negro, que possibilitou a estes agentes sociais —representados pelos indivíduos entrevistados—, além de dar concretude a um “sonho impossível”, serem capazes de sonhar com mais, fazer sonhar e conquistar outros “sucessos” mais. O que o futuro do PVNC e de outros movimentos sociais negros nos sugerem —como continuidade deste tipo de ações, e também como “sucessos” dela— é a necessidade de ampliação das formas atuais e de concepção de outras formas de “ações afirmativas”, que sigam depositando no futuro as sementes de muito mais poesia.

Por todas estas razões, como já frisei anteriormente, é importante continuarmos a olhar para o futuro, principalmente porque no presente o convênio entre a PUC-Rio e os pré-vestibulares comunitários e populares em rede está se finalizando, a partir da implementação do ProUni. Com este processo de mudança, também se termina uma etapa importante de “sucessos” por ele iniciada. Mas isso não significa que terminem as conquistas de espaço dos estudantes negros na PUC-Rio, apenas mudam as formas e os caminhos através dos quais esta presença se dará. Talvez sofram perdas os estudantes oriundos dos pré-vestibulares populares que mantinham convênio com a PUC-Rio —já que todos eles, ao passarem pelo crivo do vestibular, eram imediatamente beneficiados pelo programa de bolsas de ação social—, mas talvez aumente o leque de possibilidade para outros estudantes. Esta é uma realidade que estamos por conhecer. O importante é que começa agora uma outra etapa, para a qual a base da luta dos movimentos sociais negros pela igualdade de oportunidades já está construída.

Como creio haver deixado claro neste trabalho, uma mudança substancial nas relações raciais na sociedade brasileira está em processo, e ela apenas se consolidará na medida em que os profissionais negros forem sendo formados, reconhecidos e valorizados por sua capacidade, ocupando *lôcus* profissionais e sociais que lhes sejam correspondentes. E se eles forem bem capacitados, obviamente estes não deverão ser espaços de subalternidade. O encontro das agendas do PVNC com o desejo e a missão da PUC-Rio imprimiu uma força inicial ao movimento, mas este potencial de “revolução” somente se concretizará com a ampliação dos instrumentos e das

políticas de integração dos indivíduos da população negra em nossa sociedade. Esse deve ser o sentido da luta e do movimento.

Quando me propus a pesquisar as trajetórias profissionais dos bolsistas de ação social formados pela PUC-Rio, mantive como referência a minha própria história pessoal. Ela é uma realidade pautada na perseverança, no desejo de superação, na aceitação da necessidade da luta e no prazer e orgulho aferidos dos “sucessos”. A minha trajetória reflete e dá essência e concretude ao conceito de “afrocidadanização”: nascido em comunidade pobre consegui com muita dificuldade superar diversos momentos difíceis, consegui ingressar na universidade, mesmo tendo como realidade uma insuficiência de “capital cultural”, os superei e venci, fiz minha graduação, meu mestrado e hoje me torno um doutor. Mas são também minhas velhas conhecidas as sutilezas das barreiras invisíveis, silenciosas, dissimuladas e aparentemente impossíveis de serem transpostas. E se é certo que posso contar muitos “sucessos” pessoais, é também verdade que o “sucesso” que um dia imaginei atingir ainda está por vir, profissional e materialmente falando. Mas, como disse Marx, a poesia da revolução está no futuro. E se isso é verdade para mim, aparentemente é verdadeiro também para todos os entrevistados com os quais tive o privilégio de conversar neste trabalho.

Ao adotar a minha própria história como ponto de partida, procurei utilizá-la como referência intelectual e emocional para compreender as realidades e percepções narradas pelos entrevistados, cada qual interpretando sua trajetória de maneira própria, mas todos apontando para uma realidade que se esquivava de ser plenamente conhecida, que é difícil de ser traduzida, mas que está repleta de simbolismos: a realidade das relações raciais no Brasil. Pela riqueza dos conteúdos que revela, considero que este trabalho foi “bem-sucedido”. Foi por esta razão que dei aos dois últimos capítulos um tratamento antropológico e mais narrativo que analítico, deixando que as vozes dos entrevistados fossem muito mais presentes do que a minha. Trazer à luz a novidade destas experiências humanas vividas no Brasil é, sem lugar a dúvidas, o que considero a minha maior contribuição com este trabalho. E embora eu esteja seguro de que não consegui “entender” a totalidade dos sentidos do que vi e ouvi; que tenha deixado de fazer algumas reflexões importantes, ou mesmo

que tenha “perdido” coisas relevantes que ficaram ditas nas entrelinhas, as experiências que vivenciei superaram todas as minhas expectativas, no que se refere ao estado atual de consciência dos entrevistados sobre as difíceis e perversamente duradouras relações raciais no país.

Creio ser importante dar este testemunho, pois, se há algo que considero verdadeiramente central como achado deste trabalho são as transformações simbólicas e subjetivas que vivemos a partir da nossa passagem pela Universidade. Estou convencido de que todos nós —os bolsistas formados da PUC-Rio— crescemos de fato, ao compreender o nosso pertencimento à população negra brasileira ou afirmar as nossas identidades e pertenças, fossem elas quais fossem. Com isso, nos tornamos autores e protagonistas das nossas próprias histórias, mesmo que o tenhamos feito em condições adversas, ou que a realidade atual ainda não corresponda integralmente aos nossos sonhos iniciais.

Ainda relacionado ao fato de que compartilho com os entrevistados várias formas de identidade: de trajetória de vida, de *lócus* de origem, de *lócus* na PUC-Rio e, com mais de 70% deles, uma identidade racial, estas semelhanças constituíram um elemento crucial para que as entrevistas fluíssem sem amarras, revelando mais do que seria de se esperar. Quanto a isso destaco dois aspectos tão importantes, quanto inesperados, que surgiram no transcurso do trabalho.

O primeiro diz respeito à importância simbólica da pesquisa para os entrevistados. Conhecer que as suas trajetórias pessoais são consideradas relevantes e notáveis, como representantes de um grupo humano que historicamente vem dando uma contribuição inovadora para a superação das desigualdades raciais no Brasil revelaram ser um importante fator de reconhecimento social que reforça a auto-estima dos entrevistados e contribui para a afirmação das identidades raciais positivas dos mesmos. Isso equivale a dizer que os estudos sobre as experiências concretas de enfrentamento e superação das desigualdades raciais no Brasil não apenas constituem uma temática inovadora a ser explorada, mas também, e principalmente, são uma contribuição poderosa para os movimentos sociais que buscam a afirmação de identidades raciais positivas.

O segundo aspecto diz respeito ao valor ético que estas trajetórias de vida demonstram possuir, o que eu chamei de “efeito multiplicador”, e que não se restringe apenas às esferas das nossas famílias e comunidades de origem, mas que também impactam positivamente a própria Universidade e a sociedade da qual todos fazemos parte. Ainda que tenhamos que continuar lutando para que as nossas histórias de vida possam servir de exemplo para muitos, e para que muitos outros venham a viver uma realidade mais justa, dos pontos de vista racial e social, essa luta nos reforça e valoriza como indivíduos e como “afrocidadãos”.

Pautar a discussão sobre as ações afirmativas da PUC-Rio em termos de “raça” foi importante para mim e para os entrevistados, porque isso permitiu dar visibilidade a estes dois aspectos que, mais do que uma “melhorada básica” nas condições materiais de vida dos bolsistas formados, constituem o núcleo central dos benefícios que o programa de ações afirmativas propiciou.

Quase todos somos “bem-sucedidos”. Muitos de nós fomos aprovados no vestibular: nossa primeira e grande conquista. Destes, a grande maioria passou alguns anos na PUC-Rio aprendendo e crescendo, que são coisas diferentes. Embora apenas um quarto de nós tenha frequentado os cursos mais “prestigiosos” da Universidade, a cada dez formados quase nove conseguimos nos empregar razoavelmente. Mas os números sugerem também que de cada cem bolsistas formados, apenas sete de nós conseguirá uma posição no mercado que seja cobiçada por muitos, ou que seja glamorosa. De qualquer maneira, quase oitenta de nós estaremos trabalhando nas nossas carreiras e recebendo pelo trabalho que desempenhamos uma remuneração que significará uma melhora substantiva para a vida econômica das nossas famílias. Somos mesmo vencedores e as evidências ilustram esta realidade, que é um percurso sem volta para cada um de nós, para as nossas famílias e comunidades.

Mas há muito mais a ser conquistado, como já disse várias vezes. Devemos também nos transformar em docentes, em pesquisadores, para ensinar as próximas gerações de estudantes negros a partir de outros valores e visões de mundo, construindo conhecimento a partir de pontos de vista renovadores. Colocar claramente o debate sobre “cidadania” em termos de “raça” significa ir levantando os muitos véus de silenciamento, de invisibilização, de discriminação e de preconceito

que ainda recobrem as relações sociais e raciais do Brasil, seja no ensino superior, seja na esfera do trabalho, em poucas palavras: na sociedade de uma forma geral.

Os achados deste trabalho indicam que a ampliação de oportunidades no ensino superior constitui o principal fator responsável pelo aumento dos capitais “cultural”, “social” e econômico dos indivíduos provenientes das camadas pobres e, particularmente, dos membros da população negra. Neste sentido, as ações afirmativas têm contribuído fortemente com significativas transformações nas condições de ingresso dos profissionais negros na esfera do trabalho, que já não ocupam exclusivamente posições subalternas, como as histórias de vida aqui narradas o ilustram.

Em função destas narrativas, mesmo que por diversas circunstâncias alguns de nós ainda nos encontremos em situação de sub-valorização da nossa formação, sou levado a acreditar que as posições “desejáveis” na esfera do trabalho serão ocupadas em futuro próximo por profissionais negros, na mesma medida em que forem sendo capacitados mais de nós para o exercício destas funções. Isso equivale a dizer que, creio que o simples fato de que se apresentem na esfera do trabalho cada vez mais o profissional negro capacitado, se fará menos desiguais a divisão racial do trabalho no Brasil.

Apesar do otimismo que a amostra de entrevistados permite ter a este respeito, é bom lembrar que no Brasil persistem formas sutis de discriminação racial, como estruturas de longa duração ligadas ao efeito perverso que a memória da escravidão, ou mesmo os traços históricos ligados ao “mito negro” (Souza, 1983, p. 25), exercem na imagem social dos indivíduos da população negra. Isto é particularmente sensível quando se tratam de posições laborais que envolvem poder e prestígio (*glamour*) pois, como se sabe, “o Brasil discrimina pela cor da pele, pelos traços africanos e não pela árvore genealógica” (Leitão, 2004, p. 218).

As sutilezas da discriminação racial à brasileira, pautadas principalmente no “fenótipo”, tomado por Castro e Guimarães (1993) como uma forma de “capital”, tem sido solapadas em sua virulência pelas recentes transformações nas consciências das identidades raciais, uma das maiores contribuições que a educação superior tem prestado aos indivíduos da população negra, como salientei anteriormente. Chama a

atenção o fato que dez dos quatorze entrevistados se auto-identificam como negros, embora em termos de fenótipo muitos desde pudesse haver se identificado de outra maneira. Além disso, é igualmente surpreendente a quantidade de reflexão sobre este tema que naturalmente aparece, quando indagados sobre a sua identidade racial ou sobre a sua percepção de “racismo”. Esta construção de uma identidade racial negra positiva vem transformando o *habitus* cultural da sociedade brasileira, que vai lentamente passando da desqualificação do negro e do descrédito da sua capacidade profissional para o reconhecimento do valor das suas conquistas individuais e coletivas nas esferas da educação superior e do trabalho.

Mas, como já disse antes, esta não é uma questão de curto prazo, daí a importância de se olhar para o futuro, a partir do sentido das transformações presentes. À medida que se transformem as formas pelas quais se reconhece os elementos constitutivos do “capital racial” (Castro e Guimarães, 1993, p. 54-55) dos indivíduos da população negra, associando a este “capital” alguns elementos práticos, como a formação acadêmica e a constituição de redes de relações para formar um “capital social” positivo, a discriminação enfraquecerá, podendo mesmo chegar a ser superada. Cabe ressaltar que agregar valores positivos ao “capital racial” dos indivíduos da população negra não significa um “embranquecimento” a partir do sucesso pessoal ou profissional, ao contrário, significa reconhecer e positivar os valores éticos e estéticos da identidade racial negra.

A passagem pela universidade, além de ampliar o nosso capital “cultural” oferecendo melhores oportunidades de ingresso na esfera do trabalho, para muitos dos entrevistados ampliou também o “capital social”, abrindo avenidas de mobilidade que normalmente estariam fechadas para os indivíduos da população negra. A colocação profissional em uma posição condizente com a formação recebida na Universidade permitiu que quase 70% dos entrevistados indicassem uma melhoria das condições materiais de vida, que foi sentida tanto no plano pessoal, quanto no familiar, com efeitos multiplicadores para toda a comunidade. Estas oportunidades, que são de naturezas distintas, além de permitirem a ampliação do capital “econômico”, ajudaram a garantir direitos, contribuindo fortemente para a conquista da “cidadania” dos entrevistados. Neste aspecto, posso dizer que as “ações

afirmativas” têm ampliado os direitos de “cidadania” dos indivíduos da população negra, ou seja, que estas vêm atuando como uma poderosa ferramenta no processo de “afrocidadanização”.

O sentido de compromisso dos indivíduos entrevistados para com as suas comunidades de origem é um dado muito relevante encontrado neste trabalho. Talvez pelo fato de que quase dois terços dos entrevistados sejam provenientes do PVNC, cujo trabalho de construção de consciência da identidade racial e da necessidade de um trabalho pela “cidadanização” dos membros das comunidades onde o pré-vestibular atua é central e bastante articulado, seus ex-alunos são também muito participativos e pró-ativos nas suas comunidades de origem. Surpreendentemente, quase a totalidade dos entrevistados, e principalmente aqueles que se declararam negros, pautaram suas vidas acadêmicas e profissionais não apenas no desejo de transformar a sua própria realidade material e cultural mas, também, de contribuir para a transformação da realidade da sua comunidade. Além disso, aparentemente, eles também encontraram na PUC-Rio um espaço de liberdade para professar as suas próprias pertencas: sociais, raciais, éticas e estéticas e trabalhar por elas. Como decorrência disso, a PUC-Rio, ao capacitar estes profissionais, quase sem saber vem prestando um serviço muito importante para as comunidades de onde os seus estudantes são provenientes, o que potencializa o impacto social das suas “ações afirmativas”.

O que aconteceu com os estudantes provenientes dos pré-vestibulares comunitários e populares em rede beneficiários das ações afirmativas da PUC-Rio após sua formatura na graduação?

As respostas são muitas e de muitas naturezas.

Sem exceção, eles são todos “bem-sucedidos” por definição: passaram em um vestibular concebido para escolher aqueles que têm um “capital cultural” que eles não tinham e cursaram uma Universidade de elevado padrão acadêmico cujas populações docente, discente e de funcionários não os esperavam, não sabiam lidar com as suas especificidades, não compartilhavam experiências e vivências e se definiam em outros termos sociais e raciais. Ainda assim eles se formaram. É certo que três quartos deles nos cursos menos “prestigiosos” da Universidade, mas o fizeram com



mérito acadêmico em mais da metade dos casos. Vieram de locais distantes, enfrentaram dificuldades de todas as ordens: acadêmicas, econômicas, pessoais, culturais, mas se tornaram “filhos da PUC”, transformando a si mesmos, as suas famílias, as suas comunidades de origem e a própria PUC-Rio. Todos para melhor.

Depois saíram para o mercado de trabalho e nove entre dez deles se colocaram logo nos primeiros anos após a formatura, em posições laborais compatíveis com as suas formações, recebendo salários condizentes com as funções por eles desempenhadas. Transformaram materialmente as suas vidas pessoais, melhoraram as vidas materiais das suas famílias, e sete em cada dez deles continuam comprometidos com as suas comunidades de origem.

Fizeram mais, mantiveram seus laços sociológicos fortemente atados, não se mudaram em massa para áreas melhores e mais ricas das cidades: permaneceram onde sempre estiveram. Suas trajetórias inspiram e iluminam os sonhos de irmãos, sobrinhos, parentes e vizinhos. Transformaram educação em valor familiar e comunitário, e deste “valor” extraem outros valores, éticos e estéticos para as suas comunidades.

Estão se transformando, e ao fazê-lo, estão “revolucionando” os seus universos. Muitos “denegriram”, a educação tornando-os cada vez mais negros: mais negros e mais cidadãos.